

**“Uma boa mulher em um bom país”:
novos discursos pós-coloniais na série *The No.1 Ladies Detective Agency***

Carla de Figueiredo Portilho*

RESUMO: Este ensaio discute a representação de Botsuana proposta em *The No.1 Ladies' Detective Agency* (1998), de Alexander McCall Smith. O antigo protetorado é apresentado como um país estável e próspero, bastante diferente das representações do ‘continente escuro’ feitas pela literatura colonial, confirmando que a ideia de uma África homogênea não se sustenta. Fazendo referência à obra de Homi Bhabha, vê-se que, embora a série lance mão do gênero policial, a História das nações narradas ocupa um espaço preponderante, apontando para a construção de uma identidade nacional e a busca por um espaço próprio no cenário mundial. Constata-se a existência de uma outra África, distinta daquela representada no imaginário ocidental – uma África que encontrou uma certa estabilidade política, social e econômica. A protagonista da série é uma representante adequada de seus país nativo, descrita por seu criador como “uma boa detetive, e uma boa mulher. Uma boa mulher em um bom país.” (McCALL SMITH, 1998, p.4). Cabe apontar que a África narrada no romance estudado sugere a possibilidade de ainda outras Áfricas, pois uma vez que se desconfie da ficção de homogeneidade pregada pelo domínio colonial, abre-se o caminho para que cada nação africana narre a sua própria África – ou as suas Áfricas plurais.

PALAVRAS-CHAVE: discursos pós-coloniais; ficção policial; nação e narração

ABSTRACT: This essay discusses the representation of Botswana proposed in *The No.1 Ladies' Detective Agency* (1998), by Alexander McCall Smith. The former protectorate is introduced as a prosperous and stable country, different from the representations of the ‘dark continent’ of colonial literature, reaffirming that the idea of a homogeneous Africa cannot be sustained. Referring to Homi Bhabha, one notices that, despite the use of detective fiction as a genre, the emphasis of the series lays on the history of the nations being narrated, signaling the construction of a national identity and the search for their own space in the world scenario. Our attention is drawn to the existence of another Africa, distinct from the one in western imaginary – a successful Africa that has found a certain political, social and economical stability. The protagonist of the series is an adequate representative of her country, and is described as “a good detective, and a good woman. A good woman in a good country.” (McCALL SMITH, 1998, p.4). The Africa narrated in the novel suggests the existence of yet other Africas, as, once one gets suspicious of the fictitious homogeneity delivered by colonial domination, new ways are open for each African nation to narrate their own (plural) Africa(s).

KEYWORDS: postcolonial discourses; detective fiction; nation and narration

* Departamento de Letras Estrangeiras Modernas - Área de Literaturas de Língua Inglesa, Universidade Federal Fluminense.

Mma Ramotswe did not want Africa to change. She did not want her people to become like everybody else, soulless, selfish, forgetful of what it means to be an African, or, worse still, ashamed of Africa. She would not be anything but an African, never, even if somebody came up to her and said "Here is a pill, the very latest thing. Take it and it will make you into an American" She would say no. Never. No thank you.(MCCALL SMITH, 1998, p.215)

Em 1998, a pequena editora escocesa Polygon publicou um romance *sui generis* que, na época, recebeu apenas atenção limitada por parte da crítica e do público. Escrito por Alexander McCall Smith, branco, de origem escocesa, nascido e criado na antiga Rodésia do Sul, atual Zimbábue, *The No. 1 Ladies' Detective Agency* tem como protagonista Precious Ramotswe, uma mulher negra de Botsuana, que, ao receber a herança deixada por seu pai para que monte um negócio próprio, decide fundar uma agência de detetives, a primeira comandada por uma mulher em seu país. O autor, que viveu no Zimbábue até os dezoito anos de idade, quando se transferiu para a Escócia a fim de completar sua educação, tornou-se um respeitado professor de Medicina Legal na Universidade de Edimburgo e voltou à África – desta vez a Botsuana, especificamente – por alguns anos, a fim de trabalhar na criação de um Código Penal e auxiliar na fundação da Faculdade de Direito daquele país. (MATZKE, 2006,p.64). Hoje, McCall Smith é o prolífico autor de mais de cinqüenta livros, que vão desde os volumes científicos aos livros infantis. Sua primeira incursão no campo do romance policial deu-se com *The No.1 Ladies' Detective Agency*.

No ano de 2002, o grupo editorial norte-americano Random House lançou *The No.1 Ladies'* nos Estados Unidos, e o romance tornou-se um fenômeno de vendas, alcançando o primeiro lugar na lista de mais vendidos do jornal *The New York Times*, e permanecendo na lista dos dez mais vendidos por mais de um ano. Desde então, McCall Smith já acrescentou catorze volumes à série, só faz aumentar o fascínio dos leitores ocidentais pelas aventuras da detetive “de constituição tradicional”(MCCALL SMITH, 1998, p.195), muitas vezes erroneamente rotulada pelos críticos e resenhistas como de meia-idade (a personagem conta apenas 35 anos de vida no primeiro romance).

A princípio, não seria de causar estranheza que um romance policial chegasse ao topo das listas de mais vendidos, uma vez que se trata de um gênero típico da literatura de massa; entretanto, os romances da série não contêm os ingredientes tradicionais que

caracterizam o gênero e satisfazem o gosto popular, como crimes, ação e violência. Pelo contrário, trata-se de uma série que privilegia os bons sentimentos e a retidão de caráter, o bem-estar emocional e a velha moralidade de Botsuana. O próprio McCall Smith, em uma entrevista, definiu os romances como não sendo romances policiais, mas sim romances “sobre uma mulher que por acaso é uma detetive particular” (BARTLETT, s/d). Marcel Berlins compartilha essa opinião, dizendo que “talvez seja equivocado classificar os romances como ficção policial, uma vez que são muito mais sobre a África do que sobre investigação” (BERLINS, s/d). No terceiro romance da série, *Morality for beautiful girls*, a própria Mma. Ramotswe diz a um espantado cliente: “Nós não estamos aqui para solucionar crimes. Nós ajudamos as pessoas com os problemas em suas vidas.” (MCCALL SMITH, 2002b, p.56)¹

Um breve resumo do primeiro romance ajudará a delinear mais claramente o tipo de enredo que McCall Smith desenvolve. Quando seu pai falece, Precious Ramotswe recebe quase duzentas cabeças de gado de herança, que deve vender para investir em um negócio próprio. Ela decide abrir uma agência de detetives, embora não esteja totalmente segura de que terá sucesso. Afinal, dispõe de poucos bens materiais, embora possua um grande estoque de bens intangíveis como intuição, inteligência, perseverança, um profundo conhecimento da mente e docoração humanos, um sentido arraigado de certo e errado, e uma personalidade que inspira confiança nos que a conhecem. Ela também sente um profundo amor pela África e por Botsuana, principalmente por seu povo; a partir desse sentimento ela define a sua missão: “Eles são o meu povo, meus irmãos e irmãs. É meu dever ajudá-los a resolver os mistérios em suas vidas. Isso é o que fui chamada a fazer.”(MCCALL SMITH, 2002b, p.4). Os mistérios a que Mma. Ramotswe se refere não são aqueles com os quais os leitores de romances policiais estão acostumados – não há mulheres fatais ou milionários assassinados nos romances da série. Os casos com que ela trabalha vão desde desmascarar um aproveitador que se faz passar pelo pai de uma contadora bem sucedida a descobrir se uma jovem indiana tem ou não um namorado; de averiguar a legitimidade de um pleito trabalhista a descobrir a razão para o desempenho irregular de um médico. São questões prosaicas – problemas que as pessoas comuns enfrentam no decorrer da

¹Todas as traduções são livres.

sua vida cotidiana. Apenas uma vez, ao longo do primeiro romance, Mma. Ramotswe se depara com uma questão que envolve uma ameaça mais violenta – quando um menino desaparece e ela suspeita que ele possa ter sido vítima de feiticeiros, um crime que envolveria a assustadora tradição de usar ossos humanos para fazer *muti* (remédio). O romance é permeado pelas observações de Mma. Ramotswe sobre o comportamento humano, como “era curioso como certas pessoas tinham um senso de culpa altamente desenvolvido, ela pensou, enquanto outras não tinham nenhum. Algumas pessoas se martirizavam por causa de pequenos deslizes ou erros, enquanto outras permaneciam impassíveis apesar de seus atos abjetos de traição e desonestidade” (MCCALL SMITH, 1998, p.125). Essas observações fazem lembrar as inferências de Miss Marple acerca da natureza humana, e lhe valeram o apelido de “Miss Marple de Botsuana” entre os críticos (BECKER, s/d). Além disso, o leitor também acompanha suas avaliações bem-humoradas das falhas masculinas, sua luta incansável pela igualdade entre os sexos, seu profundo amor pelo seu país e seu povo, e percebe o calor, a generosidade e a inteligência que caracterizam a sua personalidade.

McCall Smith atribui o seu sucesso no mercado norte-americano ao momento histórico em que a obra foi lançada, após o 11 de setembro, quando a sociedade norte-americana, traumatizada pelos acontecimentos recentes, estava pronta para dar as boas-vindas a uma história amena, repleta de otimismo e bem-estar (FINNEGAN, 2006, p.123). Essa qualidade moral, tanto quanto o estilo narrativo simples e direto, o conjunto de personagens cativantes e o amor por uma boa história estariam provavelmente no cerne do apelo extraordinário que Mma. Ramotswe encontrou junto ao público. Amanda Craig aponta que, nos últimos anos, poucos detetives conquistaram de fato o interesse do público, e atribui esse relativo descaso a mudanças na própria estética do gênero, que adquiriu características mais sombrias, marcadas pela neurose e pela autoindulgência. Assim, o gênero teria se tornado mais literário, porém menos ‘satisfatório’ na função de consolar o leitor, tradicionalmente desempenhada pelo romance policial (CRAIG, s/d).

Críticos como Christine Matzke e Paul Barker consideraram que McCall Smith estava empreendendo um “retorno ficcional a um país que obviamente amava” (MATZKE, 2006, p.64; BARKER, s/d). Mma. Ramotswe, combinando firmeza e empatia, resolve de forma triunfal todos os casos que se apresentam, de modo que todos

ficam mais felizes do que antes, enquanto celebra os pequenos prazeres da vida e as virtudes fundamentais da conduta humana. De acordo com Anthony Daniels, o autor representa a vida cotidiana em Botsuana como superior – em termos de civilidade, por exemplo – ao estilo de vida do Ocidente; mesmo os delitos com que Mma. Ramotswe tem que lidar, em sua profissão, se devem mais às fraquezas da alma humana do que ao mal perpetrado na sociedade ocidental. Assim, Daniels aponta que a narrativa da vida em Botsuana seria também, implicitamente, um trabalho de crítica social (DANIELS, s/d).

Outra parte da crítica, porém, interroga a legitimidade do discurso de McCall Smith. Kathy Weissman, por exemplo, lembra que os escritores ocidentais geralmente tratam da África por intermédio de um protagonista que pertença à sua própria cultura, seja um soldado, um missionário, um explorador, que “se aventura em território desconhecido” (WEISSMAN, s/d). Assim, considera “um dos mistérios – e milagres – da ficção recente que um escocês chamado Alexander McCall Smith tenha criado uma personagem como Precious Ramotswe, a corpulenta, sensata e absolutamente cativante investigadora que protagoniza os romances de Botsuana.” Pode-se refutar os argumentos de Weissman apontando, em primeiro lugar, que McCall Smith não é um escocês ‘comum’ – tendo nascido e vivido na África até os dezoito anos de idade, o autor não é um estranho ao continente que escolheu representar, ou seja, não está exatamente adentrando um “território desconhecido”. É certo, sem dúvida, que o fato de ter nascido na África não torna um membro daquela comunidade – uma criança branca, nascida na África na época colonial, dificilmente teria alguma convivência com as comunidades nativas além do contato com os criados, ou seja, a princípio permaneceria alienada da realidade das populações que viviam sob o jugo metropolitano. Por outro lado, essa mesma criança não compartilhava a vivência das crianças europeias das metrópoles – suas memórias de infância, de cenários, cheiros, sons e cores seriam sempre africanas.

Sendo esse o caso de McCall Smith, seria mais adequado considerá-lo como um habitante do entre-lugar (SANTIAGO, 1978), ou um fruto do que Mary Louise Pratt denomina “zona de contato”, em que metrópole-colônia se intercontaminam (PRATT, 1999). McCall Smith seria, assim, um sujeito capaz de “ver a África pelo lado de dentro

e pelo lado de fora ao mesmo tempo” (FINNEGAN, 2005, p.17) – essa visão, até mesmo pela sua duplicidade de pontos de vista, não seria idêntica à do colonizador nem à do colonizado; seria, sim, uma terceira visão, diferente, que englobaria vivências de ambos os lados. Dessa forma, pode-se aceitar que se questione se McCall Smith teria legitimidade para falar por uma mulher negra de Botsuana, como sua protagonista, mas não que não teria legitimidade para falar sobre a África. Ele fala como um homem branco, mas não como o colonizador; embora sua voz não seja negra nem feminina, é indiscutivelmente africana.

Vale aqui lembrar Walter Benjamin (1994), que, em seu conhecido ensaio “O Narrador”, descreve um tipo de narrador, ou contador de histórias, que deixa a sua comunidade para ganhar o mundo e contar as histórias de sua cultura aos outros povos, assim como trazer as histórias de outros lugares e outras culturas para a sua comunidade de origem. Por esse ponto de vista, seria possível apontar semelhanças entre McCall Smith e o narrador benjaminiano – ao sair da África para a Europa e criar uma série *best-seller* em que narra as histórias, as tradições e a cultura da Botsuana de Mma. Ramotswe, ele usa toda a máquina da poderosa indústria editorial (e, mais recentemente, televisiva) do Ocidente para narrar ao mundo as histórias de uma África bastante diferente daquela construída no imaginário popular ao longo dos anos em que a África foi descrita sempre através de um ‘filtro’ eurocêntrico, desde as narrativas dos exploradores e missionários europeus da época pré-colonial, e que permaneceu por todo o período da colonização imperialista.

Para ilustrar essa questão, reproduzo a seguir alguns trechos de uma resenha de Michael Allen (2004) sobre o quarto volume da série, *The Kalahari Typing School for Men*, publicada no blog *Grumpy old bookman*², que exemplifica bem a expectativa do europeu / americano médio a respeito da África que busca encontrar na literatura:

É tudo um bocado – bem, delicado, francamente. Os bons personagens são decididamente santos, e os maus não são assim tão maus quando chamados às falas. O único que poderia realmente ser considerado um vilão nesse livro é um marido namorador. E o que ele faz quando Mma. Ramotswe revela que

² O blog *Grumpy old bookman* foi escolhido por ter sido eleito pelo jornal *The Guardian* um dos dez melhores blogs literários voltados tanto para escritores quanto para leitores, no ano de 2005. Dessa forma, considera-se que expressa uma opinião endossada por seus eleitores.

sabe o que ele está aprontando? Ele murcha, é isso. ‘Me desculpe,’ ele diz. ‘Vou fazer o que me disser, Mma.’

Agora, me creiam quando digo que não tenho a intenção de difamar ninguém. Mas me parece um pouco difícil acreditar que um homem africano contemporâneo, quando ameaçado de exposição por uma mulher intrometida, reagiria de forma tão mansa. *Partindo do que eu sei sobre o caráter do homem africano, seria muito mais provável que ele pegasse a primeira arma pontiaguda ao seu alcance e cortasse Mma. Ramotswe em pedacinhos.* Com crianças adotadas ou não.

Em suma, *The Kalahari Typing School for Men* parece estar, a meu ver, situado em um mundo irreal. (ALLEN, 2004)³

O comentário acima sugere o quanto a idéia de uma África violenta e selvagem está arraigada no imaginário ocidental: ao se deparar com uma situação em que um indivíduo reage de forma absolutamente civilizada ao ser pego em falta, o leitor médio não consegue aceitar que esse mundo seja ‘real’. Como se não bastasse, ele acha ‘provável’ que na África um homem parta de faca em punho para atacar uma mulher que o ameace, ao menos “partindo do que [ele sabe] sobre o caráter do homem africano”... Cabe questionar então de onde viria todo esse ‘conhecimento’ ocidental sobre o caráter africano, senão da literatura do período colonial, dos relatos de exploradores europeus e, mais recentemente, das telas do cinema...⁴

É importante considerar também a opinião de Allen a respeito da África que McCall Smith representa em seus romances:

Então, eu suspeito que a Botsuana do Professor McCall Smith não seja a Botsuana real, ou a África real. O continente escuro, até onde eu vejo, permanece escuro. De fato, ele é negro e absolutamente imundo em alguns lugares. Parece ser um continente de corrupção, brutalidade e, claro, AIDS. Mas há apenas menções leves e bastante distanciadas a esses problemas na série *The No. 1 Ladies’ Detective Agency*.

[...] o único ponto que eu quero enfatizar é que o leitor não deveria, na minha opinião, confundir essa Botsuana amena e benigna com a coisa real. (ALLEN, 2004)

³ Grifos meus.

⁴ Para maiores informações sobre como o cinema europeu / americano serviu ao projeto colonial, ajudando a disseminar o discurso hegemônico, remeto o leitor ao ensaio “Contested Histories: eurocentrism, multiculturalism and the media”, de Robert Stam e Ella Shohat.

Allen incorre em um equívoco muito comum no discurso hegemônico – a homogeneização. Ao falar de Botsuana, ele a toma como uma representação do continente africano como um todo, e critica essa representação com base em informações prévias recebidas de outras fontes, que talvez não se referissem a Botsuana especificamente. No parágrafo seguinte, ele cita um fato ocorrido na Nigéria como parâmetro para as críticas que faz à Botsuana de McCall Smith – ora, Botsuana e Nigéria estão situadas em pontos opostos do continente africano, têm histórias, línguas, costumes e governos completamente distintos, de modo que tecer uma crítica a Botsuana com base em um fato ocorrido na Nigéria é, no mínimo, uma ingenuidade. Faz-se necessário, portanto, investigar a situação de Botsuana no contexto africano da descolonização para conferir até que ponto a representação de McCall Smith seria ou não coerente com a realidade desse país.

Botsuana tornou-se independente da Inglaterra em 1966, em um processo pacífico que começou com uma proposta apresentada ao governo britânico para um auto-governo democrático. O primeiro presidente foi Seretse Khama, o líder do movimento de independência, que foi reeleito duas vezes; desde então, os presidentes são eleitos de forma democrática, sem que o país tenha passado por qualquer golpe de estado ou ditadura. Ao conquistar a independência, era um dos países mais empobrecidos do mundo. Hoje, seu mercado econômico cresce com rapidez e sua economia é uma das mais bem sucedidas da África, baseada em um setor de serviços em expansão, na mundialmente conhecida indústria de diamantes, no turismo e na manufatura. Apenas trinta por cento da população vive abaixo da linha de pobreza. O crescimento de Botsuana superou o dos chamados Tigres Asiáticos e o Banco Mundial cita o país como uma das histórias mais bem sucedidas do mundo em desenvolvimento. Por outro lado, Botsuana sofreu um impacto considerável por conta da pandemia de AIDS. Estima-se que um em cada seis indivíduos adultos seja HIV-positivo; por essa razão, a expectativa de vida caiu de 65 para 35 anos. Vale assinalar, entretanto, que o governo de Botsuana lançou o que é considerado o melhor programa de prevenção à AIDS da África, e já conseguiu baixar o nível de transmissão do HIV de mães infectadas para seus filhos de quarenta para quatro por cento, segundo o UNAIDS World Aids Day Report (2011). Assim, não é de se estranhar que a Fundação

Bertelsmann, da Alemanha, tenha dado ao país o apelido “a Suíça da África”, de acordo com o BOPA Daily News (2004).

Vê-se, portanto, que a história da África narrada por McCall Smith não é a do ‘continente escuro’ do inconsciente coletivo europeu, e sim a de uma África que, gradativamente, vem, em grande medida, dando certo. O autor desenvolve uma narrativa leve e bem humorada de uma nação que emergiu do período colonial praticamente sem perspectivas, mas que conseguiu se reconstruir e se destacar no cenário mundial por razões positivas, como o seu crescimento econômico, embora ainda precise lidar com problemas sérios como o alto índice de contaminação pelo HIV. No todo, pode-se dizer que Botsuana não é a África que o espectador ocidental foi acostumado a ver nos noticiários, nos filmes ou mesmo na literatura, mas um país que enfrentou uma dura realidade pós-colonial e conseguiu se reerguer, tornando-se, nas palavras de McCall Smith, “o melhor país da África, que soube se conduzir na mais completa integridade” (BARKER, s/d).

Com base nisso, voltamos a refletir acerca da visão que McCall Smith apresenta ao leitor em seus romances – de fato, uma versão um tanto romantizada de Botsuana. Embora o país venha realmente se destacando no cenário africano, e apresentando resultados econômicos bastante satisfatórios, é importante ressaltar que ainda há um longo caminho a ser percorrido até que a “Suíça da África” supere graves problemas já mencionados, como, por exemplo, o desemprego e a epidemia de AIDS. Um dos pontos mais criticados na obra de McCall Smith é justamente o modo como ele trata a questão da AIDS, tão sutilmente que muitas vezes se torna imperceptível ao leitor. A essas críticas, McCall Smith responde que, embora se refira ao assunto nos romances, procura não se ater a ele, porque lhe parece que aquela população está interessada em continuar vivendo a sua vida, apesar dos problemas (MENGKE, 2006, p.183). Vale ressaltar, também, que, embora a sua visão de Botsuana tenda a ser romantizada, não se pode afirmar ser uma visão alienada – está bem fundamentada na realidade de um país pacífico e bem sucedido.

Pode-se concluir, portanto, que uma das razões do fascínio do leitor ocidental pelos romances seria essa nova visão da África que lhe é apresentada. Uma outra razão que se destaca, e que está intimamente ligada a essa África construída com base na

moralidade e no orgulho nacional, são as lições de vida que Mma. Ramotswe oferece aos leitores a cada novo caso. Um ponto importante a considerar é que raramente os casos requerem alguma interferência da polícia; como muitos não constituem crimes propriamente ditos, e sim falhas de caráter e/ou conduta, resultantes das fraquezas humanas, busca-se prioritariamente obter a reparação do erro, em detrimento da punição do culpado. Essa atitude, que aparentemente poderia legitimar a impunidade, ao menos no âmbito individual, assume o caráter de correção da conduta no plano coletivo e, por conseguinte, estimula o desenvolvimento da sociedade e do país como um todo. O ato de reparar um erro, uma falha, está vinculado à necessidade de (re)construir – uma nação, por exemplo.

O conceito de reconstrução e reescritura danada, que engloba, necessariamente, se narrar uma identidade nacional, é uma das características mais prementes da chamada literatura pós-colonial.⁵ A busca da construção de uma identidade nacional tem início com a necessidade de se desenvolver uma releitura da imagem construída pelo colonizador, uma imagem que representa o colonizado como selvagem, primitivo, perigoso e até mesmo diabólico. Promover a criação de uma nova imagem do sujeito pós-colonial passa pelo processo de se rever a história colonial e aceitar a impossibilidade de uma efetiva descolonização – não existe um retorno possível a um mundo pré-colonial, de modo que é preciso ‘fazer as pazes’ com o passado e lidar com as ambigüidades resultantes no presente, reconhecendo “as complexidades dos processos históricos que resultaram em tal pluralismo” (BASNETT, 1993, p.80). A esse respeito, vejamos o que Mma. Ramotswe teria a dizer:

Seretse Khama, Chefe Maior de Bangwato, Primeiro Presidente de Botsuana, Estadista. Veja o modo como os britânicos o trataram, recusando-se a reconhecer a escolha de sua noiva e o forçando ao exílio simplesmente porque ele havia se casado com uma inglesa. Como poderiam ter feito algo tão insensível e cruel a um homem como aquele? [...] Mas o próprio Seretse nunca deu muita importância a isso mais tarde. Ele não comentava o assunto e era sempre cortês em relação ao Governo Britânico e à própria Rainha. [...] Depois veio Mr. Mandela. Todos sabiam de Mr. Mandela e de como ele havia perdoado aqueles que o aprisionaram. Eles haviam tirado anos e anos de sua vida apenas porque ele queria justiça. [...] Mas, por fim, quando ele

⁵ Não por acaso, uma das obras mais emblemáticas da crítica pós-colonial é intitulada *Nação e narração*, de Homi Bhabha.

saiu da prisão [...], ele não disse nada sobre vingança ou mesmo retaliação. (MCCALL SMITH, 2002a, p.59-60)

Ao rememorar as atitudes de dois líderes políticos muito admirados na África, Mma. Ramotswe sugere que eles teriam lições a ensinar ao mundo – e tais lições não diriam respeito à vingança, mas à mudança. O que Seretse Khama e Nelson Mandela teriam buscado ensinar, ao não retaliar os atos injustos cometidos contra eles, seria a necessidade de se quebrar o paradigma de ação e reação, de violência gerando violência e injustiça gerando injustiça, de modo a transformar as relações dentro daquela sociedade para que outros atos injustos não viessem a ocorrer.

O foco se volta novamente, então, para as ‘lições de vida’ sempre presentes nos romances, que chamam a atenção dos leitores para valores que o mundo ocidental já deixou, até certo ponto, se perderem – o orgulho nacional, o patriotismo, a honestidade, a esperança de um futuro melhor... Dá-se um sugestivo diálogo com W.E.B. DuBois em seu ensaio “The Conservation of Races”, no qual interroga o real sentido da raça, e que lições o negro teria a ensinar ao mundo, além de enfatizar a necessidade de se estabelecer um diálogo entre raças, etnias e nacionalidades. Concluo com suas palavras:

[...] permanece o fato de que a mensagem completa da raça negra não foi ainda dada ao mundo[...]A pergunta é, então: como essa mensagem será entregue; como esses vários ideais serão realizados? A resposta é simples: pelo desenvolvimento desses grupos raciais, não como indivíduos, mas como raças. [...]Para o desenvolvimento do gênio negro, da arte e da literatura negras, do espírito negro, apenas os negros juntos, os negros inspirados por um vasto ideal, podem trabalhar em sua plenitude a grande mensagem que temos para a humanidade. Nós não podemos reverter a história; estamos sujeitos às mesmas leis naturais que as outras raças, e se o negro vier a ser um fator na história do mundo – se entre as bandeiras coloridas que adornam as largas defesas das civilizações estiver hasteada uma negra, descompromissada, então que tenha sido colocada por mãos negras, desenhada por mentes negras e consagrada pelo trabalho de 200.000.000 de corações negros batendo em uma canção de alegria. (DuBOIS, s/d)

REFERÊNCIAS:

ALLEN, Michael. **Dickens in the Kalahari**. Grumpy Old Bookman (blog). Disponível em: <http://grumpyoldbookman.blogspot.com/2004/05/dickens-in-kalahari.html>. Acesso em: 09 abr. 2015.

BARKER, Paul. **The mysterious case of the Scottish crime writer**. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/culture/donotmigrate/3577205/The-mysterious-case-of-the-Scottish-crime-writer.html>. Acesso em: 09 abr. 2015.

- BARTLETT, Richard. **A woman, and a detective**. Disponível em: http://www.africanreviewofbooks.com/Review.asp?book_id=82. Acesso em: 11 jul. 2009.
- BASNETT, Susan. Comparative identities in the post-colonial world; In: _____. **Comparative literature: a critical introduction**. Oxford & Cambridge: Blackwell, 1993.
- BECKER, Alida. **Miss Marple of Botswana**. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2002/01/27/books/miss-marple-ofbotswana.html?pagewanted=all&pagewanted=print>. Acesso em: 12 jul. 2009.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte epolítica: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BHABHA, Homi K. **Nation and narration**. New York: Routledge, 1990.
- BOPA Daily News. German foundation says we are the best. **BOPA Daily News Archive**. Aug.24, 2004. Disponível em: http://www.gov.bw/cgi-bin/news.cgi?d=20040824&i=German_foundation_says_we_are_the_best> Acesso em: 12 jul. 2009.
- CRAIG, Amanda. **The morality of Mma. Ramotswe**. Disponível em: http://www.amandacraig.com/pages/journalism_01/journalism_01_item.asp?journalism_01ID=74. Acesso em: 09 abr. 2015.
- DANIELS, Anthony. **Agent for good**. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/culture/4727967/Agent-for-good.html>. Acesso em: 09 abr. 2015.
- DuBOIS, W.E.B. **The Conservation of Races**. Disponível em: <http://www.webdubois.org/dbConsrVOfRaces.html>. Acesso em: 09 abr. 2015.
- FINNEGAN, Lesley. 'A completely satisfactory detective': the detective fiction genre in Alexander McCall Smith's Botswana novels, **English Studies in Africa**, v.49, n.2, p.123-147, 2006.
- _____. **'The Old Iron Cooking Pot of Europe': storytelling, sleuthing and neo-colonialism in the Botswana novels of Alexander McCall Smith**. Johannesburg: University of the Witwatersrand, 2005. Dissertação de mestrado. Disponível em: <http://witsetd.wits.ac.za:8080/dspace/handle/123456789/1592>. Acesso em: 12 jul. 2009.
- MATZKE, Christine. 'A good woman in a good country' or the essence is in the pumpkin, **Wasafiri**, v.21, n.1, p.64-71, 2006.
- McCALL SMITH, Alexander. **The No.1 Ladies' Detective Agency**. New York: Anchor Books, 1998.
- _____. **Tears of the giraffe**. London: Abacus, 2002a.
- _____. **Morality for beautiful girls**. New York: Anchor Books, 2002b.
- _____. **The Kalahari Typing School for Men**. New York: Anchor Books, 2004.
- MEKGWE, Pinkie. "All that is fine in the human condition": crafting words, creating Mma.Ramotswe, **Research in African Literatures**, v.37, n.2, p.176-186, 2006.
- PRATT, Mary-Louise. **Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru: EDUSC, 1999.
- SANTIAGO, Silviano. Entre-lugar do Discurso Latino-americano. In: _____. **Uma literatura nostrópica: ensaios sobre dependência cultural**. São Paulo: Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

STAM, Robert and Ella Shohat. *Contested Histories: Eurocentrism, Multiculturalism, and the Media*. In: GOLDBERG, David Theo. **Multiculturalism: a critical reader**. Oxford, UK & Cambridge, USA: Wiley-Blackwell, 1994.

UNAIDS **World AIDS Day Report | 2011** Disponível em: http://www.unaids.org/sites/default/files/en/media/unaids/contentassets/documents/unaidspublication/2011/JC2216_WorldAIDSday_report_2011_en.pdf. Acesso em 08 abr. 2015.

WEISSMAN, Kathy. **Review of The Kalahari Typing School for Men**. Disponível em: <http://www.bookreporter.com/reviews/037542217X.asp>. Acesso em: 09 abr. 2015.

Recebido em: 31 de março de 2015.

Aprovado em: 16 de abril de 2015.